

ELIAS, Norbert. *A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 206 p.

DALVA BORGES DE SOUZA*

Foi publicado no Brasil em 2005 mais um livro de Norbert Elias: *A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*, texto escrito em 1983 e sobre o qual, por só ter sido publicado em alemão em 2000, não há referências nas biografias ou coletâneas já conhecidas organizadas a respeito do autor.

O pequeno livro, de apenas 71 páginas, contém, além do ensaio de Norbert Elias, reproduções do quadro de Watteau e três outros textos sobre ele: de Gerard de Nerval, de Jules e Edmond Gogouart e de Théophile de Gautier. Esses textos, complementados por um poema de Charles Baudelaire de *As flores do mal*, constituem a base de reflexão de Elias. Com base nessas referências, ele reconstrói, na longa duração, as visões da apreciação da obra de Watteau.

Esta não foi a primeira incursão de Norbert Elias na investigação estética. Necessário recordar que ele foi estudante de artes nos tempos de sua formação em Breslau, interesse que conservou ao longo da vida. Ainda próximo a 1930, Elias, desejando fazer a sua habilitação sob a orientação de Alfred Weber, é introduzido por Karl Mannheim no círculo intelectual de Heidelberg e convidado para fazer uma exposição no salão de Marianne Weber. O tema da exposição foi a sociologia da arquitetura gótica, na qual Elias utiliza a arquitetura das catedrais da Alemanha e da França para comparar a estrutura das duas sociedades (Elias, 2001, p. 107).

Em 1935, ele escreve o artigo *The kitsch style and the age of kitsch* (Elias, 1998) e defende a tese de que, com o desenvolvimento da sociedade capitalista, desaparecem o estilo e o gosto da sociedade de corte e, com eles, é enterrado um conjunto coerente de formas expressivas, que é substituído pelo kitsch, o estilo da burguesia. No século XIX, o artista ganha autonomia e, além da posição do artista, muda também a função social da arte. Se na sociedade de corte eram as classes superiores que definiam o bom gosto, na sociedade burguesa serão os especialistas, pequenos círculos de conhecedores e colecionadores que farão a mediação entre o artista e o grande público. O kitsch seria a expressão dessa tensão entre o gosto especializado e o gosto incerto das massas. Um estilo que expressa uma qualidade estética de maior incerteza formal, mais fragmentada, característica da sociedade industrial. Antecipando-se a Bourdieu, Elias considera que, na sociedade burguesa, quem produz o gosto legítimo são os especialistas: os próprios artistas, os críticos e os produtores de arte. Nesse artigo estão dados os parâmetros para a análise do quadro de Watteau e da sua recepção.

Antoine Watteau foi um pintor artesão patrocinado por um negociante de quadros que pinta, em 1712 o quadro *A peregrinação à Ilha de Citera*, requisito para a sua admissão à Academia Real. Sua trajetória assemelha-se àquela de Mozart, analisada por Elias em *Mozart, a sociologia de um gênio*. Mas se a configuração da qual Mozart participa é a do artista artesão que tenta tornar-se artista autônomo na sociedade de corte, Watteau,

* Doutora em Sociologia pela UnB. Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás.

vivendo ainda no final do reinado de Luís XIV, é o artista-artesão que se conforma ao gosto da corte, sem deixar de acompanhar as mudanças ideológicas da época. O quadro é assim descrito por Elias:

Se colocarmos lado a lado as projeções de nossas próprias interpretações do tema da viagem para a ilha do amor e a versão que Watteau nos apresenta dele, pode parecer estranho que o quadro não tenha sido pintado com as cores vivas de uma festa galante, nem com os sinais inconfundíveis da alegria antecipada pela festa de amor a vista. (Elias, 2005, p. 25-26)

Do século XV ao século XVIII, a ilha de Citera é vista como a utopia coletiva do amor. Óperas, peças da *commedia dell'arte* referem-se a Citera, ilha na qual, segundo a mitologia grega, nasceu Afrodite, a deusa do amor e para onde os casais enamorados fazem peregrinações. O quadro de Watteau retrata a partida de casais para a ilha.

Descrita a pintura, Elias mostra-nos a recepção que ela teve ao longo de séculos. Os críticos da Academia compreenderam o quadro e o renomearam como *Uma festa galante*, no entender de Elias, “uma seleção parcial daquilo que se dava a ver” (p. 29). Ocorre que enquanto Watteau pinta o quadro, Luís XIV está doente e morre poucos anos depois. Luís XV era ainda criança e sobe ao trono como regente o duque de Orléans. Com o duque recupera poderes a nobreza de espada, domesticada como nobreza de corte em oposição à nobreza de toga, originária esta última da burguesia e a quem Luís XIV utilizara como contrapeso daquela, como bem analisou Elias no livro *A sociedade de corte* (Elias, 1995). Essa mudança no equilíbrio de poder, favorecendo a aristocracia, refletiu-se nas artes, com a mudança do barroco ao rococó, do qual Watteau é considerado, junto com Fragonard e Boucher, como um dos maiores representantes.

Após a Revolução Francesa, o quadro de Watteau tem outra recepção. É associado à superficialidade e à artificialidade da arte rococó, representação de uma sociedade voltada para festas e futilidades. Foi condenado ao esquecimento e banido das salas de exposições do

Louvre. Elias nos lembra que “[...] toda obra de arte com funções artísticas, assim como toda utopia pictórica ou literária, pode ter também, ao mesmo tempo, em ato ou em potência, funções ideológicas” (Elias, 2005, p. 36). Mais uma vez, a mudança nas relações de poder afeta a apreensão do quadro, o que virá a ocorrer novamente no século XIX, quando, em uma nova configuração social, estabelecem-se novas relações entre o artista e o seu público. O artista ganha mais poder de definir com autonomia o que produzir. Aqui a análise de Elias lembra o drama por ele analisado de Mozart. Se, no tempo de Watteau, e ainda mais tarde, no tempo de Mozart, era a nobreza quem definia o gosto, depois da Revolução Francesa desenvolve-se progressivamente um mercado de arte. Elias registra a mudança, recuperando os seus insights de 1935 sobre o kitsch:

[...] a cultura do bom gosto, que tinha valor vital para os círculos aristocráticos e, por isso, estava no centro do sistema de valores, tornou-se, então, periférica, migrando da totalidade da boa sociedade burguesa para os círculos de jovens especialistas em arte, literatura, e para os produtores de diversos outros bens culturais. (Elias, 2005, p. 38)

Elias considera ainda que, durante o século XIX, a burguesia, ocupada com os seus negócios, especializada neles, não detém, diversamente do que fazia a nobreza, o monopólio de definição do gosto e deixa aos grupos de especialistas essa tarefa. Esses representantes simbólicos da burguesia mantêm relações de outsiders com ela e exercem o papel, não sem conflitos, de definir o gosto do grande público. É necessário lembrar que a indústria cultural não havia ainda monopolizado a produção legítima.

É nesse momento em que o quadro de Watteau é redescoberto por um grupo de artistas e escritores jovens, românticos e conservadores que, em Paris, formam “o círculo da Rue du Doyenné”, liderados pelo escritor Gérard de Nerval. Incomodados com a rotina esmagadora da sociedade burguesa, voltaram, como os nobres contemporâneos da regência de Luís XV, a perceber a *Peregrinação à Ilha de Citera* como *Uma festa galante* e passam a cultuar o quadro de Watteau. Nerval faz a sua própria

peregrinação à ilha e escreve o ensaio *Voyage a Cythère*, no qual descreve a sua decepção. A Citera paraíso do amor era a ilha Cérigo, desprovida de beleza, e lá Nerval vê pendurado um enforcado. De acordo com Elias, sua decepção significa o fim da utopia juvenil da ilha do amor, que é substituída pelas utopias do medo e da angústia, as quais serão uma constante na literatura dos séculos XIX e XX. Baudelaire, em *As flores do mal*, retoma o tema de Nerval e o radicaliza. Elias afirma que o bom, o belo e o verdadeiro são confrontados com o mau, o feio e o falso:

conflito entre ideal e realidade ou, ainda, a lamentação pelo sonho perdido ou, ainda mais simplesmente, pelo lado indesejável da existência humana tornou-se, em conformidade com isto, um dos temas permanentes da corrente discussão literária, artística e, em parte, também filosófica. (p. 47)

Para Elias, a adoção desse tema literário que expõe a miséria humana só foi permitida pela mudança nas normas do gosto e reflete uma ampliação do espaço de identificação humana. A mudança na estrutura da configuração social é acompanhada por uma mudança na economia psíquica humana, o processo de individualização. A arte passa a ser produto de um indivíduo, como no poema de Baudelaire, no qual “um homem grita sua miséria ao mundo na forma de um poema muito habilmente trabalhado, que talvez não esteja entre os melhores do poeta, mas que, exatamente por isso, fala aos homens, expõe a miséria de um homem” (p. 52).

Ainda que procure identificar as funções ideológicas da obra de arte, Elias não fica preso ao contextualismo da leitura das obras. No livro *Envolvimento e alienação* (1998), Elias compara *A peregrinação à Ilha de Citera* de Watteau a pinturas de diferentes épocas, como *As meninas*, de Velásquez, e *Os girassóis*, de Van Gogh, pintores cuja capacidade de abertura, “mediante a insinuação de algo não conhecido, instiga os sentimentos do observador – mandando em busca de uma resposta” (Elias, 1998, p. 88). São obras que estimulam a fantasia do observador e que, portanto, não se prestam à função específica de representação de interes-

ses de classe. Permitem ao autor perceber as mudanças que são processadas na estrutura da sociedade e na estrutura da personalidade individual, os processos de sociogênese e psicogênese. Apesar da influência que Karl Mannheim exerceu sobre o seu pensamento, Elias é muito crítico em relação à sua sociologia do conhecimento. Além de não estar convencido de que Mannheim tenha resolvido o problema do relativismo, considera que ele permaneceu preso ao dualismo das formulações de Karl Marx sobre estrutura e superestrutura, que separavam consciência e ser social. Elias, criticando Marx, afirma que a imagem que os homens constroem do seu mundo social – como o próprio marxismo o fez? podem tanto ser distorções como revelações (Elias, 1971a). Argumenta a favor da autonomia relativa não só do conhecimento, mas também das obras de arte, o que explicaria a sua apreciação em sociedades e épocas diferentes. O problema que se apresenta para a sociologia é o de explicar a relação entre as propriedades desses produtos humanos e as características das sociedades que os selecionam para serem transplantados (Elias, 1971b). Ainda que exista uma relação entre o conhecimento ou a arte produzida e usada pelos grupos humanos e os interesses desses grupos, ela pode apresentar variações. É essa disposição intelectual que permitiu a Elias acompanhar a trajetória da apreciação do quadro de Watteau por grupos sociais tão distintos como a nobreza de espada revigorada na regência de Luís XVI, o público burguês pós-revolucionário e os escritores românticos do século XIX. Ao reconstruir a apreciação do quadro, Elias consegue revelar as figurações nas quais as pessoas estiveram envolvidas.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- ELIAS, Norbert. *Sociology of knowledge: New perspectives*. Part one. *Sociology*: 5(2): 149-68; 1971a.
- _____. *Sociology of knowledge: New perspectives*. Part two. *Sociology*: 5(3): 355-70, 1971b.
- _____. *A sociedade de corte*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

_____. Mozart. Sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. Envolvimento e alienação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. The kitsch style and the age of kitsch. In: GOUDSBLOM, Johan and MENNEL, Stephen (Editors). The Norbert Elias reader. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1998 [1935], p. 26-35.

_____. Norbert Elias por ele mesmo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GOUDSBLOM, Johan and MENNEL, Stephen (Editors). The Norbert Elias reader. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1998.